



Uma pesquisa conduzida pela Embrapa, em parceria com a Brandeis University, nos Estados Unidos, identificou que arqueias extremófilas (grupo de microrganismos distintos das bactérias e adaptados a condições extremas) são capazes de aumentar a tolerância do milho ao excesso de sal no solo e permitir que as plantas cresçam de forma vigorosa mesmo sob condições de estresse salino. Os pesquisadores demonstraram que essas arqueias colonizam a rizosfera, a região do solo junto às raízes, marcada por intensas trocas químicas e biológicas. O trabalho foi publicado no periódico *Environmental Microbiome*.

Os microrganismos foram isolados das raízes da erva-sal (*Atriplex nummularia*), planta naturalmente adaptada à salinidade e utilizada na fitorremediação de solos salinos. Após cultivo em laboratório, foram avaliados em plantas de milho. A cultura é estratégica para a produção de alimentos e altamente sensível ao acúmulo de sais no solo, o que compromete o crescimento das plantas e reduz a produtividade (Embrapa).

PRODUÇÃO VEGETAL



MICRORGANISMOS RAROS VIABILIZAM CULTIVO DE MILHO EM SOLOS AFETADOS POR EXCESSO DE SAL

São Paulo recebe o maior evento profissional da indústria cervejeira da América Latina

A Brasil Brau 2026, maior evento profissional da indústria cervejeira da América Latina, será realizada na próxima semana, de 9 a 11 de junho, no São Paulo Expo, em São Paulo, em um momento em que o setor cervejeiro brasileiro combina recordes históricos com sinais mais claros de maturidade e adaptação. A feira chega a esse cenário como vitrine de soluções voltadas à produtividade, controle de custos, inovação, diversificação de portfólio e competitividade.

O Brasil encerrou 2025 com recorde de 1.954 cervejarias registradas, mas com crescimento de apenas 0,3% sobre 2024, o menor da série histórica. Ao mesmo tempo, a produção declarada de cerveja no país foi de 15,688 bilhões de litros, com recuo de 8,85% frente ao ano anterior. O anuário também mostra um setor mais diverso, com 44.212 produtos registrados, 56.170 marcas de cerveja e recorde de US\$ 21,83 milhões em valor exportado.

Dados do Sindicato da Indústria da Cerveja (Sindicerv), mostram que o setor representa 2,02% do PIB, com 2,5 milhões de empregos diretos, indiretos e induzidos, R\$ 27 bilhões em massa salarial e mais de R\$ 50 bilhões em impostos por ano. O anuário mostra, entretanto, que 5% das cervejarias respondem por 98,62% da produção, o que reforça o desafio competitivo para operações menores e médias (<https://brasilbrau.com>).

Formar agricultores em agroecologia e economia solidária

Pedro Amatuizi



No próximo dia 6 de junho será inaugurada a Escola DaTerra - Rede Livres, iniciativa construída com apoio do sindicato Químicos Unificados e integrada ao projeto da Rede Livres Economia Solidária e Agroecologia. O lançamento integra a Semana da Serra dos Cocais, uma programação especial gratuita voltada ao meio ambiente, que acontece de 2 a 7 de junho em Valinhos/SP.

Localizada na Serra dos Cocais, importante patrimônio natural situado entre as cidades de Valinhos, Vinhedo, Itatiba e Louveira, a Escola DaTerra - Rede Livres é um espaço de formação voltado para agricultores e agricultoras.

O objetivo é preparar pessoas para produzir alimentos saudáveis, fortalecendo práticas agroecológicas e a economia solidária. "Defendemos a agroecologia e a economia solidária porque acreditamos que são caminhos concretos de transformação social, soberania alimentar e justiça ambiental", explica Arlei Medeiros, um dos coordenadores da Rede Livres.

A proposta da escola é formar trabalhadores do campo e pessoas interessadas em cultivar a terra, sem exigir escolaridade mínima. O único

requisito é a vontade de aprender e de construir coletivamente.

Os cursos serão gratuitos com turmas iniciais de cerca de 30 alunos, com hospedagem e alimentação. As aulas combinarão teoria e prática em uma área de 120 mil metros quadrados, na Serra dos Cocais, onde está a confluência dos biomas Mata Atlântica, Cerrado e Chaco Argentino.

A Escola DaTerra - Rede Livres integra um ecossistema popular que envolve produção agroecológica, lojas e vendas diretas ao consumidor, logística e distribuição, cozinha de alimentos minimamente processados, delivery, assistência técnica e parcerias financeiras com a Crehonor - Crédito Solidário. O projeto também prevê a valorização das propriedades rurais por meio do ecoturismo.

Os participantes receberão certificados referentes aos módulos concluídos, e há expectativa de futuras parcerias com universidades e centros de pesquisa. Entre os temas previstos estão agroecologia, produção orgânica, manejo da terra, cooperativismo, economia solidária, comercialização, processamento de alimentos, assistência técnica, ecoturismo e regeneração ambiental.

Painel irá abordar benefícios da carne

O desenvolvimento da cadeia produtiva da carne passa pela liderança e pela capacidade de inovação de mulheres que dominam desde a genética no campo até as exigências do varejo. Essa visão integrada da atividade vai abrir a grade de conteúdo técnico da Feicorte - Feira Internacional da Cadeia Produtiva da Carne em 2026. A feira será realizada no Recinto de Exposições Jacob Tosello, em Presidente Prudente (SP), entre os dias 23 e 26 de junho.

Voltado à valorização da carne vermelha e à inovação em toda a cadeia, o painel nomeado "O DNA Feminino da Carne" conectará a tecnologia rural à percepção do consumidor final e será realizado no início do dia 23. De acordo com a CEO da Verum e organizadora da feira, Carla Tuccillo, o encontro reflete um movimento natural de consolidação dessas profissionais em posições de decisão técnica e mercadológica. "As mulheres trazem um olhar integrador para o agronegócio. Trazer esse debate para a abertura reforça o compromisso da Feicorte em mostrar uma cadeia produtiva moderna, inclusiva e focada em alta performance", destaca.

A discussão técnica será norteada pela diretora técnica da DGT Brasil e referência nacional na difusão da ultrassonografia de carcaça, Liliane Suguisawa (<https://www.quantoskm.com.br/e/feicorte>).

Destaque I



Salão Internacional de Proteína Animal (SIAVS 2026)

O Salão Internacional de Proteína Animal (SIAVS 2026), promovido pela ABPA, prepara a maior edição já realizada do evento. Marcado para os dias 4, 5 e 6 de agosto, no Distrito Anhembi, em São Paulo, o encontro terá expansão da feira, atrações imersivas, agenda técnica ampliada e crescimento da participação internacional. A edição de 2026 contará com 45 mil metros quadrados de área de exposição, crescimento de 65% em relação à edição anterior. A expectativa é reunir mais de 31 mil visitantes e empresas de mais de 60 países. Em 2024, o SIAVS recebeu mais de 30 mil visitantes e 317 expositores, consolidando-se como um dos principais pontos de encontro da cadeia global de proteína animal. "O SIAVS acompanha o crescimento e a transformação do setor de proteína animal brasileiro, ampliando seu papel como espaço estratégico para negócios, inovação, debates técnicos e relacionamento internacional", realça o presidente da ABPA, Ricardo Santin (<https://siavs.com.br/>).

Destaque II



Conexion 2026 discute maturidade digital como nova fronteira competitiva do agronegócio

O agronegócio brasileiro vive uma nova etapa de transformação e para discutir esse cenário, será realizado em 11 de junho de 2026, em São Paulo, o Conexion 2026 - Maturidade Digital no Agronegócio, encontro presencial voltado a executivos, lideranças, empresas, ag-techs, consultorias e profissionais das áreas de marketing, tecnologia, comunicação, gestão e inovação. Com programação das 8h30 às 12h, o evento parte de uma premissa central: o agro brasileiro já figura entre os principais motores da economia nacional, mas sua próxima fronteira competitiva dependerá cada vez mais da capacidade das organizações de converter tecnologia e dados em resultados concretos para o negócio (<https://agronegocio.conexion.network/>).

Desafios do haCARthon estão com inscrições abertas

O Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos (MGI), a Fundação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável (FBDS), a Escola Nacional de Administração Pública (Enap) e o Impact Hub Brasil abrem as inscrições para o haCARthon, uma maratona de inovação aberta voltada ao desenvolvimento de soluções open source que ampliem a eficiência e acessibilidade do Cadastro Ambiental Rural (CAR). As inscrições estarão disponíveis a partir do dia 15 de maio, com o evento programado para os dias 26, 27 e 28 de junho de 2026. O hackathon é a primeira iniciativa de inovação aberta do projeto CAR DPG, que busca expandir o alcance do Cadastro Ambiental Rural para outros países, disponibilizando-o como uma ferramenta de código aberto, intuitiva e escalável.

Biogênese Bagó destaca tecnologias para silagem, sanidade e desempenho leiteiro

Na Megaleite 2026, que será realizada até 6 de junho, no Parque da Gameleira, em Belo Horizonte (MG), a Biogênese Bagó participa em conjunto com os parceiros Lallemand, Azulpack e Huvepharma destacando soluções voltadas à saúde, produtividade e desempenho do rebanho leiteiro, além de promover ações especiais e troca de conhecimento técnico com produtores, veterinários e profissionais do setor.

Eventos "Conexão Aviagen" no Brasil focam em manejo, ambiência e estrutura

Duas novas edições do Conexão Aviagen® no Paraná reuniram profissionais da avicultura para discutir estratégias práticas de manejo para as oscilações climáticas e fortalecimento sanitário dos plantéis. Realizados em Maringá, no dia 26 de maio, e em Cascavel, no dia 28 de maio, os eventos receberam aproximadamente 200 profissionais da avicultura das regiões norte, oeste e sudoeste do Estado. As discussões focaram em como o manejo eficaz, o ótimo controle do ambiente e uma abordagem sistemática para a excelência na produção avícola podem apoiar a produtividade, o bem-estar e a sustentabilidade das aves.

Milwaukee e Baldan transformam manutenção no agronegócio



A Milwaukee Tool Brasil e a Baldan fortalecem sua atuação conjunta no agronegócio brasileiro ao levar para as principais feiras do setor, em 2026, um novo conceito de manutenção em campo: a oficina móvel. A iniciativa combina tecnologia profissional sem fio, mobilidade e suporte técnico avançado para aumentar a disponibilidade operacional de tratores, colheitadeiras e implementos agrícolas nos momentos mais críticos da safra (<https://www.milwaukeebrasil.com/>).

OPINIÃO

Com estratégia correta é possível maximizar o aproveitamento dos pastos na safrinha

Hemython Luis Bandeira do Nascimento (*)

A área explorada com sistemas de Integração Lavoura-Pecuária (ILP) vem crescendo ano após ano no Brasil e deve ganhar ainda mais destaque na safrinha de 2026.

O movimento é impulsionado pelo cenário de alerta na agricultura, marcado pelo atraso na colheita da soja em algumas regiões, comprometendo a janela ideal de plantio do milho. Soma-se a isso a queda nos preços dos grãos, em contraste com o momento positivo da pecuária, sustentado pela valorização da arroba do boi gordo e do bezerro.

Nesse contexto, muitos produtores têm optado pelo plantio de milho ou sorgo consorciados com capim, ou até mesmo pelo cultivo exclusivo da forrageira após a soja, utilizando as áreas para o pastejo do gado durante a safrinha, no chamado "boi safrinha". É consenso que a ILP proporciona melhorias importantes ao sistema de produção, seja pela formação de palhada deixada pela pastagem, que favorece o cultivo de grãos na safra seguinte, seja pela oportunidade de oferecer pasto de qualidade e em quantidade adequada aos animais durante o período seco.

No fim, o objetivo é sempre o mesmo: aumentar a produtividade e a rentabilidade, mantendo a sustentabilidade do sistema. No entanto, para explorar todo o potencial desse modelo produtivo, é fundamental atenção a alguns pontos técnicos, como o controle de plantas daninhas, o momento ideal de entrada e retirada dos animais da área, além da suplementação e do manejo do pasto.

Controle de invasoras

O capim implantado no sistema de integração também deve ser tratado como uma cultura agrícola e, assim como qualquer outra, precisa receber os devidos tratamentos culturais para expressar seu máximo potencial produtivo. Nesse sentido, é fundamental realizar o controle de plantas indesejadas, sejam invasoras ou plantas tiguerras, ainda no início do desenvolvimento da forrageira. Isso evita a competição por luz, água e nutrientes, assegurando maior velocidade de crescimento e rápido estabelecimento da pastagem.

Quantos animais por hectare?

A taxa de lotação está diretamente ligada à capacidade de suporte da área. Por isso, é necessário equilibrar a quantidade de pasto disponível com o período de utilização, definindo corretamente o número de animais que será inserido na área.

Para maior precisão, o ideal é realizar, cerca de uma semana antes da entrada dos animais, uma amostragem da forragem nos piquetes ou talhões destinados ao pastejo na safrinha. Também é importante fazer coletas de massa de forragem para estimar a disponibilidade de pasto na área.

Com essas informações, somadas ao período de permanência dos animais e ao peso médio de cada lote, é possível determinar a capacidade de suporte da área (UA/ha) e definir quantos animais poderão ser manejados em cada talhão. Dessa forma, evita-se a falta de alimento ao

longo da ocupação e garante-se, ao final do ciclo, um residual de palhada adequado para o plantio da soja na safra seguinte.

Momento ideal para iniciar o pastejo

O momento do primeiro pastejo é decisivo, pois influencia diretamente a estrutura e a qualidade do pasto e, consequentemente, a eficiência de utilização da forrageira pelos animais, podendo impactar na eficiência de dessecação e consequentemente na plantabilidade da lavoura na safra posterior.

Pastagens muito altas tendem a apresentar maior acúmulo de colmos e fibras, reduzindo sua qualidade nutricional. Além disso, podem comprometer o perfilhamento, o crescimento da planta e a qualidade da palhada que permanecerá no sistema para a cultura seguinte.

Uma observação importante é que a *Brachiaria ruziziensis*, quando muito alta, tende a acamar no momento da entrada do gado, reduzindo a eficiência do pastejo, o desempenho e a produtividade animal. Para melhor aproveitamento dessa forrageira, o ideal é que os animais entrem na área quando o pasto atingir, no máximo, 50 cm de altura.

De forma geral, recomenda-se que o primeiro pastejo seja realizado quando o capim atingir a altura de manejo indicada para cada cultivar. Assim, a forrageira é aproveitada mais cedo, com maior proporção de folhas e ainda com boa disponibilidade de água no solo, favorecendo o perfilhamento, a emissão de novas folhas e o desenvolvimento radicular.

Compensa adubar os pastos de safrinha?

Na maioria dos casos, a resposta é não. Nesse modelo de produção, considera-se que o residual de nutrientes deixado pela lavoura seja suficiente para suprir a demanda inicial do capim. Além disso, o período mais adequado para a adubação em cobertura, normalmente após o primeiro pastejo, coincide com uma fase de menor volume de chuvas, elevando o risco de baixa eficiência no aproveitamento dos nutrientes disponibilizados pelo fertilizante.

Qual tipo de suplemento adequado para a fornecer aos animais mantidos nos pastos safrinha?

Vale lembrar ainda que, mesmo durante o período seco, o pasto proveniente da ILP permanece verde e com elevado valor nutritivo. Em outras palavras, o produtor passa a contar com uma "pastagem de águas" durante a seca, produtiva e vigorosa, o que exige que a suplementação animal esteja alinhada às características nutricionais dessa forrageira.

Por fim, é importante ressaltar que esses pastos não devem ser excessivamente pastejados. Após a retirada dos animais, deve permanecer um bom volume residual de massa vegetal para dessecação e formação de palhada para a cultura seguinte. O ideal é garantir entre três e cinco toneladas de matéria seca por hectare, assegurando boa cobertura do solo e maior supressão de plantas daninhas.

(*) Engenheiro agrônomo, doutor em Zootecnia e gerente de P&D e Inovação da SBS Green Seeds.

Rally da Nutrição comprova ganhos de produtividade com manejo inteligente na soja

Iniciativa da Agrichem, Grower e Agrobahia demonstrou na prática, em fazendas do oeste baiano, que a nutrição personalizada eleva a rentabilidade. Resultados finais apontam 100% de ganho de raízes e nodulação

Após nove meses de acompanhamento em sete fazendas de referência no oeste da Bahia, o Rally da Nutrição chegou ao fim, consolidando na prática os benefícios de um manejo nutricional e fisiológico de precisão.

O projeto, idealizado pela Agrichem, Grower e Agrobahia, acompanhou lavouras de soja, com talhões significativos entre 100 e 200 hectares, de agosto de 2025 a maio de 2026. Os resultados mostraram que o investimento em um plano nutricional personalizado traz ganhos de eficiência e rentabilidade para o produtor.

Entre os benefícios foram percebidos 100% de ganho de raízes e nodulação; maior absorção de nutrientes acumulados nas avaliações de marcha; maior quantidade de vagens por planta, maior número de nós na haste principal e nas hastes laterais, além de mais vagens de três a quatro grãos.

O objetivo do Rally foi evidenciar o papel da nutrição no avanço da produtividade da cultura da soja. "O objetivo era claro: mostrar na prática os resultados do investimento em um manejo nutricional personalizado, apoiado em ciência e tecnologia, por meio da ferramenta PAMnutri, e compará-la ao manejo nutricional do produtor", explica Fernanda Aguiar, gerente de Desenvolvimento de Mercado da Agrichem. "A proposta foi entregar recomendações técnicas totalmente personalizadas, garantindo que o produtor aplique o que realmente falta. Enquanto o mercado trabalha em grande parte com fertilizantes compostos com proporções fixas, nossos produtos apresentam alta concentração, fornecendo o nutriente certo na quantidade certa", acrescenta.

Ao longo do projeto, as áreas receberam diagnósticos detalhados, mapeamento, reuniões técnicas e a identificação das principais demandas de cada lavoura, criando um plano focado nas necessidades específicas do solo e da planta.



Iniciativa liderada pela Agrichem, Grower e Agrobahia atuou em sete fazendas de referência no oeste da Bahia

"A proposta foi entregar recomendações técnicas totalmente personalizadas, garantindo que o produtor aplique o que realmente falta."

Do plantio à colheita

Para medir a eficácia das recomendações, o projeto realizou um acompanhamento minucioso. Rafael Nunes, pesquisador e consultor da Grower, destacou o sucesso das avaliações realizadas no encerramento da etapa do município de Luís Eduardo Magalhães.

"Nós basicamente contrastamos o manejo robusto de nutrição e fisiologia proposto pelo projeto com o manejo usual da fazenda, fazendo várias avaliações ao longo do ciclo, combinando com a avaliação de componentes produtivos e produtividade ao final", afirma Rafael.

Segundo o pesquisador, os números provaram que é possível elevar o teto produtivo até mesmo em propriedades que já operam em alto nível tecnológico.

O impacto na visão de quem produz

A iniciativa foi realizada no coração do agronegócio brasileiro, uma região de alto potencial, mas que também exige resiliência. "A gente hoje está na capital do grão do Brasil, que é o oeste da Bahia, e que sempre apresenta muitos desafios, principalmente climáticos. Passa ano, volta ano, somos testados por algum evento climático um pouco mais extremo e temos que buscar uma adaptação, sempre uma melhora, para que as culturas tenham um rendimento adequado", relata Gian Dahmer, sócio-proprietário da Agrobahia.

A percepção de ganho e segurança para o futuro foi compartilhada pelos produtores que abriram as portas para o projeto. Jean Saboia, representante da Fazenda Esplanada, uma das sete propriedades atendidas, celebrou o desfecho da safra: "Esse ano a gente recebeu o pessoal da Agrobahia, junto com o Rafael Nunes, para o desafio do Rally. Tivemos o acompanhamento desde o início, plantio, coleta e análise. Conseguimos chegar no final com um resultado positivo. Acabamos de ter a apresentação dos resultados, que vai agregar muito para a próxima safra na construção do planejamento. Foi muito resultado positivo e isso nos deixou muito contentes!"

Novo Desenrola Rural: renegociar sem diagnóstico é trocar uma dívida por outra

O Novo Desenrola Rural reacendeu um debate importante no campo: como devolver acesso ao crédito a produtores endividados sem transformar a renegociação em um novo ciclo de aperto financeiro? Anunciada pelo Governo Federal, a nova etapa do programa amplia as possibilidades de renegociação e liquidação de débitos da agricultura familiar, especialmente em operações ligadas ao Pronaf, com prazo de adesão até 20 de dezembro de 2026, descontos, prazos estendidos e outras medidas para regularização financeira.

A iniciativa surge em um momento de forte pressão sobre produtores rurais, sobretudo pequenos agricultores, que enfrentam combinação de juros altos, dificuldades climáticas, oscilação de preços, aumento de custos e restrição de acesso ao crédito. Para o advogado empresarial Arthur Rodrigues, especialista em renegociação e reestruturação de dívidas no agro, o programa é relevante por reconhecer a gravidade do problema, mas exige uma leitura cuidadosa.

"O Desenrola Rural é uma porta importante para milhares de produtores voltarem ao sistema de crédito. Mas renegociar não pode ser um ato automático. O produtor precisa entender o que está assinando, qual será o custo final da operação, quais garantias estão envolvidas e se o novo cronograma realmente cabe na realidade da propriedade", afirma Arthur.

Segundo o Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar, a nova etapa do programa busca ampliar a regularização de dívidas, incluir contratos mais antigos e fortalecer as condições para retomada do crédito em 2026. A medida também contempla a possibilidade de condições diferenciadas para liquidação ou parcelamento, a depender do tipo de operação e do perfil do produtor.



Apesar do avanço, especialistas do setor apontam que a ampliação da renegociação não resolve, sozinha, a crise do endividamento no campo. Arthur destaca que o programa amplia o acesso à renegociação, mas ocorre em um ambiente de inadimplência crescente e aumento de pedidos de recuperação judicial no agro, o que levanta dúvidas sobre o alcance da medida sem uma reorganização mais ampla da gestão financeira e contratual.

Para o advogado, esse é justamente o ponto central. A renegociação pode ser um instrumento de fôlego, mas não substitui o diagnóstico. "Dívida rural não é apenas uma parcela em atraso. Ela está ligada ao ciclo produtivo, à safra, ao preço de venda, à logística, ao clima e à capacidade de pagamento real do produtor. Quando a renegociação ignora esse conjunto, ela pode aliviar a pressão hoje e criar um problema maior amanhã", analisa.

Renegociação não é o mesmo que solução definitiva

O advogado explica que programas como o Novo Desenrola Rural podem ser decisivos para

retirar produtores da inadimplência e permitir novo acesso ao crédito, mas o produtor precisa avaliar se aquela proposta resolve a origem do problema ou apenas reorganiza a cobrança.

"Muitas vezes, a parcela diminui, mas o prazo aumenta demais, o custo total cresce ou novas garantias entram na operação. Por isso, antes de aderir, é preciso calcular o impacto no caixa e comparar o que está sendo oferecido com outros instrumentos possíveis, como o alongamento da dívida rural previsto no Manual de Crédito Rural em casos de frustração de safra, dificuldade de comercialização ou eventos adversos", orienta Arthur.

A diferença é importante. Enquanto o Desenrola Rural funciona como política pública de regularização e retomada de crédito para determinados públicos e operações, o alongamento de dívida rural é um instrumento previsto no arcabouço do crédito rural para reorganizar prazos quando o produtor comprova incapacidade temporária de pagamento por fatores alheios à sua vontade.